

## Relações Histórico - Culturais Luso - Romenas \*

A Transilvânia tinha sido arrancada ao território romeno pelos Húngaros nos séculos X a XII, os quais se viram a braços com os Turcos, que, em 1396, mais uma vez os devastavam, alastrando pela Moldávia e pela Valáquia, que integram a Roménia actual.

Escrevem Constantin C. Giurescu e Dinu C. Giurescu, no prefácio da sua *História do Povo Romeno*, publicada em Lisboa, em 1979, sem indicação do tradutor: «D. Pedro, duque de Coimbra, tio do futuro rei Afonso V, esteve com um exército na Transilvânia em 1427; uma carta de 25 de Janeiro nota a sua intenção de desencadear um ataque, ao lado do príncipe romeno Dan II, contra os Otomanos, que tinham instalado na Valáquia um outro príncipe que apoiava a sua política.» Não se sabe se o infante D. Pedro chegou a participar nessa expedição ao Sul dos Cárpatos, mas pelo menos houve a presença de um exército português em terras romenas e o desejo do seu chefe de tomar parte na luta contra as ofensivas turcas, lembram os autores da referida *História*. Este membro ilustre da Inclita Geração veio a receber o sobrenome de «o das Sete Partidas» devido a um folheto de cordel intitulado *Livro do Infante D. Pedro de Portugal, o qual andou as sete partidas do Mundo / Feyto por Gomes de Santo Estevam*, hum dos doze, que foram em sua companhia. Segundo Inocêncio, Barbosa Machado, na *Biblioteca Lusitana*, assinala para a 1.<sup>a</sup> edição do livro de Gomes de

---

\* Trabalho lido na Sociedade de Geografia de Lisboa e na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, actualizado.

Santo Estêvão o título de *Livro do Infante D. Pedro, que andou as quatro partidas do mundo*. Para Inocêncio passou a *sete* partidas através das traduções castelhanas, «talvez para torná-lo mais aparatoso e retumbante». Anteriormente houve o *Auto do infante D. Pedro*, segundo José Soares da Silva (nas *Memórias d'el-rei D. João I*, t. I, p. 318), citado por Inocêncio.

O livrinho de Gomes de Santo Estêvão, segundo Francisco Esteves Pereira (*Marco Paulo*, XXVI, nota 2), «é a relação de viagens fictícias atribuídas ao infante D. Pedro. Ali confunde-se o Infante D. Pedro com D. Afonso, conde de Barcelos, filho natural del-rei D. João I, o qual efectivamente fez uma viagem à Terra Santa antes de 1415.» D. Pedro ofereceu os seus serviços ao imperador Segismundo, rei da Hungria e da Boémia, cujos estados eram ameaçados pelos Turcos, o qual aceitou o oferecimento, e por carta datada de 27 de Fevereiro de 1418, feita em Constança, doou ao infante D. Pedro o ducado ou marca de Treviso a ele e aos seus descendentes, com o soldo anual de 20 mil ducados ou florins de ouro a contar do dia em que o infante partisse de Portugal para a corte da Hungria, o que só veio a suceder, não se sabe porquê, em 1425, indo com ele, entre outros fidalgos, Álvaro Vaz de Almada, Álvaro Gonçalves de Ataíde, e alguns homens de armas, como Vasco Pires Gante de Elvas, escudeiro de D. João I, escreve Esteves Pereira (*ibid.*, p. XXVII). Entre 1425 e 1428 viajou pela Europa (Inglaterra, Flandres, Hungria, Itália, Aragão e Castela), o que pode ter motivado ser conhecido popularmente pelo Infante das Sete Partidas do Mundo; o folheto de cordel alusivo às suas viagens saiu pela primeira vez em 1544, mas não existe esta edição na Biblioteca Nacional, pelo que só pudemos compulsar a de 1644, de 31 páginas in-16. Nesta relação muitíssimo fantasiosa, como até de alguns títulos de capítulos se depreende (p. ex. *De como o Infante D. Pedro passou pela terra dos gigantes & foy à India ao Preste Joam*), das viagens pela Europa, que não feriam tanto a imaginação, só se fala da Espanha e da Itália, não havendo qualquer alusão ao facto histórico, esse sim, da ida do Infante para a corte do imperador Segismundo. Alguns foram pois os seus companheiros, mas não os doze da tradição, número clássico,

o dos apóstolos, dos pares de França, os doze de Inglaterra. Na sua viagem, empreendida, pelo menos em parte, a pedido de D. Henrique, desejoso de informações de mapas e rotas de navegadores e comerciantes das repúblicas italianas, em 1426 acompanhou o imperador Segismundo na campanha contra os hussitas. No regresso da sua longa e demorada viagem, voltou à Hungria, na Primavera de 1428. Sabe-se que visitou no decurso dela a Transilvânia, que voltou a fazer parte integrante da Roménia em 1918, a seguir à 1.<sup>a</sup> guerra mundial, constituindo o conjunto aquilo a que os Romenos chamaram Grande Roménia (*Mare România*). No século XVI a Transilvânia caiu, como principado autónomo, sob a suzerania do Império Otomano, e foi ocupada no século XVII, com a Hungria, pelos imperadores de Habsburgo, não cessando de aspirar à liberdade e à sua união com as províncias romenas de além Cárpatos (cf. Vasile Netea, *Réunion de la Transylvanie à la Roumanie*, Bucareste, 1968, ano do cinquentenário da união, devidamente festejado pelos Romenos).

Prosseguindo cronologicamente este excurso e tornando a colher alguns dados na supracitada *História do Povo Romeno* (Prefácio), o cronista Miron Costin (1633-1691), na sua valiosa obra sobre a origem dos romenos moldávios, fala de Portugal e da Dácia como partes integrantes do Império Romano e da formação do povo português. O filho, Nicolae Costin, retoma as ideias do pai. Posteriormente, Nicolae Stoica din Hațeg (1751-1783) descreve a Europa e compara-a com «uma menina sentada», sendo Portugal a sua «linda cabeça». Stoica lembra a participação de Portugal na Guerra de Sucessão ao Trono de Espanha (1701-1713), e ainda a presença do príncipe português D. Manuel no exército comandado pelo general austríaco Eugénio de Sabóia na guerra com os Otomanos, em 1716-1718.

Daniel da Fonseca, judeu português, célebre médico e político beirão, deve ter nascido por 1677. Seus pais, para o defenderem das perseguições da Inquisição, fizeram-no baptizar. Chegou mesmo a frequentar um seminário e a exercer funções eclesiásticas. Quando a Inquisição lhe quis prender o pai, este pôde salvar-se com os filhos, indo para Bordéus, onde havia numerosa colónia de judeus portugueses

e onde é provável que Daniel se formasse em medicina. Daí passou para Paris. Saindo de França, mais tarde, foi portador duma recomendação em forma para o cônsul daquele país em Constantinopla. Na Turquia, o sultão e as pessoas de alta condição preferiam os médicos judeus da Península Ibérica, como sucedeu com o célebre *Amatus Lusitanus*. Chegou lá em 1702, foi imediatamente nomeado médico titular da embaixada francesa e em breve médico-chefe do sultão. Em 1709, o enviado da França junto da Sublime Porta enlouqueceu, o que foi atestado entre outros médicos por Daniel da Fonseca.

Este, que protegeu o próprio Carlos XII da Suécia, depois de derrotado e refugiado na Turquia, o que Voltaire, que o conhecera, refere com apreço, foi hábil diplomata, que se consagrara a servir os interesses dos ministros europeus na Turquia, tendo chegado a ser consultado por escrito e confidencialmente por Luís XV sobre quem devia nomear como sucessor do embaixador, visconde Andresel, quando este faleceu. Em Março de 1719, e aqui chegamos ao ponto que nos interessa, Daniel da Fonseca era convidado a residir em Bucareste, para ser o médico e conselheiro do príncipe reinante da Valáquia, Nicolau Mavrocordato. O médico português, que recebia 2 mil francos anuais do governo francês como seu agente secreto, após ter regressado à Turquia, para tratar do sultão, muito doente, pôs em jogo as suas relações com os príncipes da Valáquia e da Moldávia e com o patriarca de Jerusalém para que os abades Bignon e Sévin pudessem cumprir a missão de adquirir e copiar manuscritos antigos. Quando o sultão renunciou ao trono em 1780, os seus favoritos, entre os quais Daniel da Fonseca, perderam gradualmente a influência, e assim este regressou a França. Supõe-se que chegara a Constantinopla com 25 anos e que no seu regresso a França tinha 53, e não há informações quanto à data e lugar do seu falecimento, talvez porque tivesse mudado de nome, o que era frequente entre os judeus. O seu principal biógrafo é o prof. Augusto da Silva Carvalho, e é muito importante também a obra *Documente privitoare la Istoria Românilor*, de Hammer-Purgstall.

Nas relações luso-romenas, o terceiro português que merece referência especial é Francisco Xavier de Oliveira,

o Cavaleiro de Oliveira. Quando em Viena, como secretário de embaixada, depois de 1733, ano da morte da primeira mulher, D. Ana Inês de Almeida, Francisco Xavier de Oliveira foi amante de Maria Elisabeta de Valáquia, esposa de João Rodolfo de Cantacuzeno, príncipe de Valáquia e duque da Bessarábia, neta do landgrave de Hesse-Darmstadt, princesa de sangue Hesse-Cassel. Dela, baseado no próprio Cavaleiro, diz Aquilino Ribeiro (*O Cavaleiro de Oliveira*, p. 60) que era de grande formosura e de invejáveis prendas de espírito, pois «falava com elegância todas as línguas cultas da Europa e ninguém lhe prelevava em jogos de graça e de entendimento.» Quanto ao marido, era um rei no exílio. Quando o Cavaleiro de Oliveira o conheceu, morava num bairro modesto, vivendo com estreiteza, mas estimado da alta sociedade de Viena. Oiçamos Aquilino: «Quando Francisco Xavier ali apareceu ajoujado de fidalguias, tilintando o espadim de cavaleiro professo, o príncipe, porventura, sonhou nele um filão a explorar. Relacionaram-se e breve eram amigos. Francisco Xavier caprichou em mostrar-se à altura daquela nobre indigência, custeando o coche em que madame ia espai-recer ,os lugares na Ópera, que a face dela iluminava, e os alfinetes que é o mais caro no orçamento duma princesa. Arruinava-se sem pestanejar. Em paga de tanto, do primeiro filho que houve do casal ele foi o padrinho». E Aquilino prossegue, mais adiante: «Mulher amável, espiritual, livre, esposa de homem pesado, lento, pouco pundonoroso, tão pouco pundonoroso que, cabendo a vez ao seu regimento de partir em campanha [um regimento de hussardos de que o imperador o havia nomeado coronel], ele se escusou de ir, Maria Elisabeta encontrou em Francisco Xavier o seu pajem. Foi ela a estrela funesta da sua vida. Por seus olhos «insolentíssimos» se abalançou a despesas incompatíveis com os seus recursos, descuroou o serviço da embaixada, alardeou grandezas e títulos que em boa verdade não possuía. Amou uma princesa de carne e osso, foi amado, mas queimou-se.» (*ibid.*, pp. 61-62). Esclarecedor dos costumes da época é o fecho duma carta de 1736 que lhe dirige o Cavaleiro de Oliveira: «A minha afilhada beijo e abraço de todo o meu coração e a V. A. que a beije e abrace o seu marido a quem me recomendo. Espero na Ópera e vai o bilhete do

camarote. Criado, compadre e venerador de V. A.». Depois de terem entrado tais amores em período de acalmia e de mero galanteio, e de ele próprio já não ser o secretário do conde de Tarouca e estar a descer a rampa da fortuna, acabou a sua ligação com a princesa da Valáquia, «imagem em princípio, meio e fim das belas aventuras humanas», no dizer de Aquilino (*op. cit.*, p. 69).

Citamos mais uma vez a *História do Povo Romeno* (Prefácio): «[...] em 1790, sabemos que um oficial português chega a Iași, capital da Moldávia, donde vai a Petersburgo e traz notícias sobre as negociações de paz russo-turcas. [...] O periódico *Curierul românesc*, de Bucareste, informa em 1846 sobre os movimentos em Portugal, firmando comentários favoráveis aos revolucionários. Depois da união dos principados romenos (1859), vemos em *Monitoru oficial*, periodicamente, informações de Lisboa [...]». Em 1854 aparece, traduzida do português por A. Pelimon, uma novela romântica sobre Martim de Freitas, que veio a ter três edições. «A restauração da independência da Roménia em 1877-1878 e o seu reconhecimento *de jure* teve consequências favoráveis para as relações bilaterais. Em Abril de 1880, A. Plagino, enviado especial do Governo Romeno, chega a Lisboa com uma mensagem que comunica aos soberanos portugueses a independência da Roménia.» Entre D. Luís e Carol I (que era irmão da nossa rainha D. Estefânia, mulher de D. Pedro V) houve também uma troca de medalhas. O Governo de Bucareste aprova em 1896 a instituição do primeiro consulado romeno em Lisboa, seguindo-se, bastante mais tarde, em Abril de 1922, a abertura do primeiro consulado português na Roménia, em Braila. Na 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial a Roménia e Portugal foram aliados, o que teve como consequência o envio, em 25.VIII.1917, de um representante diplomático de Portugal ao Governo Romeno de Iași. Em 2 de Setembro «entra em funções o primeiro enviado extraordinário e ministro plenipotenciário da Roménia em Portugal. Depois da assinatura da paz abriram-se consulados honorários romenos em Setúbal, Funchal, Faro, Ponta Delgada (Açores) e Porto. Ulteriormente (1928) é também aberto um consulado português em Constança.»

É o momento de falarmos de Nicolae Iorga (1871-1940). Historiador, escritor, publicista e político, académico, professor universitário, sábio de renome mundial, comparável em certos aspectos ao nosso Leite de Vasconcelos, autor duma monumental *História dos Romanos*, em 10 volumes, e dos 31 volumes dos *Estudos e Documentos Relativos à História dos Romanos*, que figuram entre os dezasseis mil títulos da sua vastíssima obra, visitou o nosso país em 1928. Das suas impressões de viagem, e fazendo parte do livro *Călătorii peste hotare*, ou *Viagens além das Fronteiras*, as cinquenta páginas dedicadas a Portugal intitulam-se *Țara latină cea mai departată din Europa: Portugalia*, isto é *O País Latino mais Afastado da Europa: Portugal*, e tratam em especial de Lisboa e arredores, Évora, Coimbra e Porto. Que saibamos ainda não se encontram traduzidas, e bem o mereciam, pois é sempre curioso saber como os estrangeiros cultos nos vêem. Iorga, que era membro de numerosas academias e sociedades científicas estrangeiras, a partir de 1933 tomara posição nitidamente anti-hitlerista, o que atraiu o ódio da Guarda de Ferro, cujos componentes o assassinaram em Novembro de 1940.

Outra personalidade com interesse para nós é Lucian Blaga (1895-1961). Poeta, dramaturgo, filósofo, Blaga entrou em 1926 na carreira diplomática, sendo sucessivamente adido e conselheiro de imprensa em Varsóvia, Praga, Berna, Viena, e embaixador em Lisboa. Ao cabo de um ano de estadia em Portugal regressou à Roménia em 1939, como catedrático de Filosofia da Cultura, na Universidade de Cluj, na Transilvânia. Dele interessa-nos o «ciclo português ou ibérico», nas palavras de George Gană, prefaciador da edição bilingue intitulada *Mirabila sămîntă/A Milagrosa semente*, publicada em 1981 em Bucareste, na tradução cuidadosa da grande lusófila Micaela Ghițescu. Segundo Gană, tal ciclo agrupa as últimas seis poesias (das vinte e cinco das *Cortes da Saudade*): *Estoril*, *Saudade*, *Brisa atlântica*, *O vendedor de grilos*, *O unicórnio e o oceano*, *A Costa do Sol*. Podem, diz, acrescentar-se pelo menos duas poesias da mesma colectânea, escritas durante a estadia do poeta em Portugal: *Destino* e *Nas cortes da saudade* — esta última emprestando o seu título ao volume. Impressões de Portugal são também a substância doutros

poemas, ulteriores, de Blaga, entre os quais *Arrábida*, *Sol Ibérico* e talvez o *Burrinho* (uma das suas últimas poesias, escrita em 1960). Segundo o prefaciador, há poemas de Blaga em que, conhecida a data da composição, se reconhecem imagens ou temas que se podem vincular à sua estadia em Portugal, escritas com intervalo de 22 anos, entre 1938 e 1960. Escreve George Ganã: «Isto é surpreendente se temos em conta, por um lado o facto que na poesia de Blaga o dado real — acontecimento biográfico, histórico ou então paisagem — aparece geralmente estilizado, sublimado, elevado a um significado simbólico dificilmente reconhecível ([...], por outro lado a duração relativamente curta da estadia do poeta em Portugal (um ano — 1 de Abril de 1938 — 1 de Abril de 1939 [...]). A atracção exercida pela paisagem portuguesa em Blaga pode explicar-se pela frequência, nesses poemas, de certos elementos e do sentimento vinculado a eles. A maioria das poesias desse ciclo representa sítios colocados à beira do oceano e inundados de luz. A forte insolação e a presença imediata da imensa extensão líquida inspiram o poeta — para quem geralmente a luz e, graças à sua fluidez e transparência, a água também, são símbolos do absoluto e da eternidade, substâncias puras sugerindo ao mesmo tempo a matéria e o espírito, a natureza física e o seu substrato metafísico — o sentimento da saída do tempo, anulam a angústia do «grande decorrer». Daqui a tonalidade luminosa de quase todos os poemas do ciclo, que são dos mais serenos de Blaga. A imagem da terra banhada na luz solar e prolongada na matéria fluida e misteriosa do oceano sempre impressionou o olhar contemplativo do poeta.» (*ob cit.*, p. 34). Ganã acrescenta «entre os elementos da paisagem portuguesa que explicam a atracção exercida sobre o poeta e que se reencontram nos poemas do ciclo, os aspectos exóticos da vegetação, dos sítios, da maneira de viver» (*ibid.*). Do volume *Nas Cortes da Saudade* (1938) seja-nos permitido citar a pequena poesia intitulada *Alean / Saudade*, de que igualmente damos o original romeno: «Há horas, há dias que ando a velar / numa riba amarela de Portugal. // Com a armadura perto de mim, recto, / com minhas mãos cruzadas no peito. // Cantando plangente olharia sete anos / para o céu com cordeiros lusitanos, // se não topasse com o meu assento / o desassossego



do moinho de vento. // Se, sorvido por um astro, eu não parecesse / visto — não visto, no azul celeste». «De ceasuri, de zile veghez / pe-un galben liman portughez. // Cu zalele-alăturea drept, / cu mîinile cruce pe piept. // Doinind aş privi şapte ani / spre cerul cu miei luzitani, // de nu m-ar găsi unde sînt / neliniştea morii de vînt. // De nu aş pieri, supt de-un astru / vâzut — nevâzut, în albastru.»

Em Junho de 1929, o notável diplomata Nicolae Titulescu chega a Lisboa e declara à imprensa: «Vim saudar uma nação que está ligada à Roménia por grandes afinidades espirituais e grandes afinidades de raça. Como delegado da Sociedade das Nações desde o início da sua formação, posso afirmar que a Roménia esteve sempre ao lado de Portugal, e que estes dois países nunca estiveram em desacordo.»

Embora as trocas de mercadorias não fossem grandes, as ligações comerciais são regulamentadas por um acordo provisório (1927), seguido de uma convenção sobre comércio e navegação (1930), de novo acordo (1935) e de outro para pagamento das dívidas comerciais, no mesmo ano. Também neste está patente em Lisboa uma exposição de pintura romena, e a poetisa Helena Vacarescu pronunciou na capital portuguesa uma conferência, em 1939. Em 1942 o reitor da Universidade de Bucareste é recebido pela Universidade de Lisboa e pela Academia das Ciências.

Cumprе não passar em silêncio o sábio Mircea Eliade (n. 1907, falecido há pouco), filósofo e escritor romeno, estabelecido nos Estados Unidos, professor na Universidade de Harvard, talvez o maior especialista de história das religiões (*Traité d'Histoire des religions, Le Sacré et le Profane*), orientalística e mitologia (*Ioga, Introdução na Filosofia Samkya, Aspects du mythe*). A sua actividade ensaística e literária de entre as duas guerras foi ligada à corrente irracionalista da filosofia romena que proclamava o primado da «vida» sobre o da razão e opunha os conhecimentos lógicos à «vivência» mística, que, no caso de Eliade, ia até à apologia da aventura. Escreveu romances de influência gideana, diários de experiências espirituais e eróticas, como *Maitrey*, ou com implicações sociais, prosa de atmosfera fantástica, como *O Segredo do Dr. Honigberger*, ensaios sobre temas filosóficos e literários, como a *Ilha de Eutanásio*. Interessa-

-nos especialmente o grande romance *Bosque Proibido*, cuja acção se passa parcialmente na Lisboa da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial, e também em Cascais e Coimbra, traduzido por Maria Leonor Buescu, e o estudo os *Romenos, Latinos do Oriente*, publicado entre nós pela mesma altura (1943), tendo no ano anterior e em romeno redigido um ensaio acerca de *Salazar*. Tivemos o prazer de algum convívio com Mircea Eliade, quando adido cultural do seu país em Portugal, onde viveu cerca de cinco anos. Das nossas conversas lembramos a sua confiança de que, durante a sua estadia na Índia, estudava sânscrito 16 horas por dia, a fim de aprofundar ao máximo o seu conhecimento das religiões hindus e poder discuti-las com os brâmanes.

Não podemos deixar de comover-nos ao evocar também a memória do nosso grande Professor e Amigo Victor Buescu (1911-1971). Primeiro leitor de Romeno na Faculdade de Letras de Lisboa (1943), desde logo se interessou pela língua portuguesa, que dentro em pouco dominava, se tornou amante de Portugal, vindo a casar-se com uma portuguesa (a professora Maria Leonor Buescu) e a naturalizar-se português. Doutorara-se em Filologia Clássica, em 1939, na Universidade de Bucareste, com tese notabilíssima, sobre os poemas astronómicos de Cícero, após ter frequentado a Sorbona de 1934 a 1938. Assistente da Faculdade de Letras de Bucareste à data da sua vinda para Portugal, desde 1963 que era assistente da de Lisboa, onde dois anos antes da sua morte, ocorrida entre nós, teve a satisfação de ver ser finalmente criada a cadeira de Língua e Cultura Romenas, integrada na Licenciatura em Filologia Românica, a qual passou a reger, equiparado a professor auxiliar da Faculdade de Letras de Lisboa. Deixou vasta bibliografia, uns duzentos títulos, espalhada pelas mais importantes revistas europeias, incluindo várias obras, umas de profunda erudição, como a sua tese, outras para divulgar a ciência em que era mestre, e promoveu numerosas traduções de romeno para português, devendo-se-lhe também magnífica versão d'*Os Lusíadas* para romeno, em hendecassílabos brancos, de que só saiu, julgamos, o episódio de Inês de Castro, numa revista espanhola (*Destin*, Madrid, 3, 1952). O labor deste cultíssimo homem de letras, que a nossa Universidade durante tanto tempo tão mal apro-

veitou, foi sobretudo filológico e especialmente dedicado às etimologias portuguesa e romena. Produto inicial da colaboração dos seus primeiros alunos, entre os quais temos a honra de nos contar, publicou-se entre nós um amplo *Dicionário Romeno-Português*, por ele dirigido e aperfeiçoado durante anos. Entre as traduções de romeno para português em que colaborou ou que realizou totalmente, é de assinalar a de *Poesias* de Eminescu, o maior poeta romeno, em óptima edição bilingue, com um ensaio de Mircea Eliade, Lisboa 1950. O Prof. Victor Buescu, que foi colaborador permanente da *Enciclopédia Verbo* (300 artigos, da letra A a M), de 1962 a 1971), desenvolveu profícua actividade na qualidade de Leitor de Romeno da Universidade de Lisboa. Entre nós colaborou na *Revista da Faculdade de Letras*, de Lisboa, no *Boletim da Sociedade de Língua Portuguesa*, de que foi sócio dos mais antigos, e de cuja Secção de Filologia do Conselho Técnico fez parte, no *Boletim de Filologia*, do Centro de Estudos Filológicos, etc. Dirigiu a colecção do Leitorado Romeno da Universidade de Lisboa, onde promoveu a publicação, nas duas séries, portuguesa e romena, de uma dezena de volumes, na maior parte traduções de escritores romenos. O Prof. V. Buescu, além da sua actividade infatigável para o conhecimento e a difusão da cultura romena em Portugal, designadamente por meio de numerosas conferências, foi um dos mais eruditos filólogos, dos mais escutados homens de ciência que espalharam o prestígio da cultura romena no estrangeiro. Da sua bibliografia destacamos alguns trabalhos que para nós têm particular interesse: *Ad amicos, după Antero de Quental*, Revista Fundațiilor Regale, X, 1943, p. 80; *Contos Romanos*, tradução do romeno, Lisboa [1943]; *Sonete portugheze: «Mormânt romantic»*, după Antero de Quental; *«Iubite suflet blând ...»*, după Camoens', Revista F. Regale, XI, 1944, pp. 119-120; Liviu Rebreanu, *A Floresta dos Enforcados*, romance, tradução do romeno de Celestino Gomes e V. Buescu, Lisboa, 1945; *A moderna lirica romena*, Biblos, U. de Coimbra, XXI, 1945, pp. 417-472; *Natal Romeno*, Diário Popular, Lisboa, 24.XII.46; *Novos Contos Romanos*, antologia organizada, prefaciada e anotada pelo prof. V. Buescu, Lisboa, 1946 (reed. 1949, 1960); *Pequena antologia da lirica romena contemporânea*, R. da Fac. de Letras de Lisboa, XII,

1946, pp. 67-73; *Os estudos clássicos na Roménia*, Humanitas, Coimbra, I, 1947, pp. 186-202); *Elena Vacarescu*, D. Popular, Lisboa, 19.2.47; Duiliu Zamfirescu, *Vida no Campo*, romance, traduzido por V. Buescu e Rogério Claro, Lisboa, jornal *O Século*, folhetins de 18.V.47 a 28.VI.47; Ion Creanga, *Recordações de Infância*, trad. do romeno por V. Buescu e A. Ruivo Mouzinho, Lisboa, 1947; *Sinaia, a Sintra romena*, Jornal de Sintra, 7.I.48; *Analogias temáticas nos românticos brasileiros e romenos*, in Brasília, U. de Coimbra, IV, 1949, pp. 85-118; *M. Eminescu*, Diário de Notícias, Lisboa, 17-I-50; *Um encontro espiritual em latinidade* [M. Eminescu — Carlos Queirós], «Sacor», Lisboa, 3-4, Setembro-Dezembro 1950, pp. 11-12; H. Milhăescu, *O barbarismo segundo os gramáticos latinos*, trad. do romeno por M. de Paiva Boléo e V. Buescu, Coimbra, 1950, 54 pp.; *Roum. «desfăta»* (port. esp. «desenfadar»), Boletim de Filologia, Lisboa, XIII, 1952, pp. 20-36; *Um étimo — duas civilizações*, Bol. Mensal da S. L. P., Lisboa, III, Junho 1952, pp. 187-188; *Nótula textual às Odes de Ricardo Reis*, B. M. da S. L. P., Lisboa, III, 10, Outubro 1952, pp. 374-375; *Latinório*, B. M. da S. L. P., Novembro 1955, pp. 462-463; *A oitenta anos da declaração da independência romena*, Diário de Lisboa, 10.V.57; *Eça, o europeu*, «Colóquio», Lisboa, Dezembro 1960, pp. 61-62; *Etimologias portuguesas e espanholas*, I, Boletim de Filologia, Lisboa, XVII, 3-4 (1960), pp. 363-380; *Hespéria: antologia de cultura greco-latina*, Lisboa, 1964; *Concordances arabo-turques en portugais et roumain*, Actas del XII Congreso Internacional de Lingüística y Filología Románicas, Madrid, 1969, pp. 1171-1184; *Introdução à Cultura Clássica*, Lisboa, 1970; *Um mito romeno no teatro português*, Brotéria, 1970, n.º 7.

Depois da abdicação no seu filho Miguel, em 1940, veio para Portugal o rei Carol II, que visitámos no seu exílio de Monte Estoril, o qual aqui morreu e, por pertencer à família de Hohenzollern-Sigmaringen, aparentada com a casa de Bragança (era bisneto de D. Maria II), se encontra sepultado no panteão de S. Vicente de Fora.

Em 1959, vieram a Lisboa, a fim de participar no IX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Románicas, os sábios professores romenos Iorgu Iordan, hoje já falecido, e Al. Rossetti, de mais de 90 anos, além de outros.

No ano seguinte, e a convite do Prof. Iordan, frequentámos em Sinaia o primeiro Curso de Verão de Língua e Cultura Romenas realizado na Roménia depois da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial, onde éramos o único português num total de quase cinquenta participantes. À Roménia voltámos, em 1967 e 1968, para tomar parte, respectivamente, no X Congresso Internacional dos Linguistas, onde igualmente não havia mais portugueses, e no XII Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas. Sobretudo em 1967, percorremos a Roménia quase de lés a lés, a convite do Instituto Romeno para as Relações Culturais com o Estrangeiro.

Encerradas a seguir à 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial as representações diplomáticas dos dois países, só em 1967 se assinou um acordo comercial trienal, que se tornou anual. Também em 1967 revimos, na sua casa de Bucareste, onde viria a falecer com seu marido, na derrocada que sucedeu dez anos depois com o último terramoto, a poetisa Veronica Porumbacu, que conhecêramos em 1960, e que traduziu para romeno as célebres cartas da freira de Beja, com o título de *Scrisorile Portugheze ale Marianeii Alcoforado* (= As Cartas Port. de M. A.), Bucareste, 1967. Daí em diante, sobretudo no âmbito das actividades culturais da S. L. P., nesta realizámos várias conferências e organizámos diversas exposições sobre temática romena, nos domínios literário, artístico, folclórico e científico, numa palavra, cultural, que, da nossa parte, se tornou desnecessário prosseguir a partir de 1974, visto se haverem reatado as relações diplomáticas entre os dois países e, portanto, mais vasto intercâmbio se tornar possível a nível oficial.

Citaremos ainda um vulto da lusofilia romena, o da nossa estimada amiga Micaela Alexandra Ghițescu Ionescu-Stoian, nascida em Bucareste em 1931. Filha duma professora de francês e dum cirurgião, licenciada pela Faculdade de Filologia da U. de Bucareste, só em Novembro de 1981 viria pela primeira vez a visitar Portugal, com o marido, professor universitário de Farmácia, já falecido. Da literatura brasileira traduziu *O Senhor Embaixador e Incidente em Antares*, de Erico Veríssimo. Autora dum *Dicionário Romeno-Espanhol* e dum *Dicionário Espanhol-Romeno*, traduziu também obras de Miguel Angel Asturias, Henry Fielding, Stephen Leacock

e Pierra-Dominique Gaisseau. O seu domínio do português está patente numa bela gramática da língua portuguesa, a primeira a sair no seu país (1984) e cujo original tivemos o privilégio de ler. As suas traduções de autores portugueses são esplêndidas; delas citaremos: *Peregrinare*, a famosa *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, Bucareste, 1974; *Călătorie prin țara mea*, ou sejam *Viagens na Minha Terra*, de Garrett, Bucareste, 1979; *Măscăriciul*, isto é *O Bobo*, de Herculano, Bucareste, 1976; de Eça, Micaela Ghițescu já traduziu *O Crime do Padre Amaro* (*Crima Parintelui Amaro / Scene de viață cuvioasă*), Bucareste, 1968; *Relicva* (*A Relíquia*), Bucareste, 1972, *Familia Maia / Episoade din viață romantică* (*Os Maias*), Bucareste, 1978, e *O Primo Basílio* (*Vărul Bazilio*), Bucareste, 1983; de Fernando Namora, *Casa Vagabonzilor / Minele din San Francisco* (*A Casa de Malta e As Minas de São Francisco*), Bucareste, 1970; de Dinis Machado, *Ce spune Molero* (*O que diz Molero*), Bucareste, 1981. Está a traduzir o *Amor de Perdição*, e publicou ainda um útil e curioso *Dicționar de Proverbe Spaniol-Portughez-Român* (*Dicionário de Provérbios Espanhol-Português-Romeno*), Bucareste, 1980. Pelo conjunto das suas traduções foi-lhe atribuída a medalha e diploma de tradução da Sociedade da Língua Portuguesa.

Depois do 25 de Abril, foi a Roménia o primeiro país do bloco oriental que reconheceu o novo governo português, e em 14 de Junho de 1975 assinou-se em Bucareste o Tratado de Amizade e Cooperação. A propósito disse Ceaușescu: «Num certo sentido, penso que o Tratado de Amizade e Cooperação entre a Roménia e Portugal assume um especial significado internacional, sendo o primeiro tratado deste estilo assinado por dois países amigos, mas que fazem parte de dois blocos militares diferentes. Esperamos que isso venha a ser um símbolo que demonstre a necessidade de ultrapassar o mais rapidamente possível a política de blocos para chegar à realização de tais relações entre os Estados do continente europeu que levem à supressão simultânea de ambos os blocos e que abra uma nova perspectiva de colaboração entre todos os estados da Europa e do Mundo.» Depois firmou-se certo número de acordos, entre os quais os referentes à colaboração cultural e científica, aos vistos, aos trans-

portes aéreos, ao turismo, à cooperação económica e técnico-científica e à instituição de uma comissão governamental, e deve-se assinalar o crescente comércio externo romeno-português. Como se sabe, os presidentes de ambos os países visitaram-se mutuamente, para melhor conhecimento dos problemas de Portugal e da Roménia. Estas visitas coroaram, por assim dizer, as de várias personalidades portuguesas e romenas à Roménia e a Portugal, realizadas umas antes outras depois do 25 de Abril, tais como as do Dr. Ivo Cruz e Prof. Joaquim do Prado Coelho, no nosso lado, e os professores Cristina Micuşan, Mariana Ploae, Maria e Laurenţiu Theban, Alexandru Niculescu, Tudora Şandru e o publicista Adrian Marino, do lado romeno.

Em 1972 e 1980, anos em que se celebraram os quartos centenários da publicação d'*Os Lusíadas* e da morte de Camões, vieram a Portugal, às comemorações levadas a efeito pelo Colégio Militar, entre outras delegações, as do Colégio Militar Romeno, constituídas por grupos de alunos, acompanhados pelo seu director, os quais apresentaram interessantes trabalhos, que foram devidamente apreciados, e uma delegação de alunos do nosso Colégio Militar retribuiu visitando Bucareste e outras localidades do país latino mais afastado do nosso. Em 1983 apresentou uma importante comunicação no Congresso sobre a Situação da Língua Portuguesa no Mundo, realizado em Lisboa, o professor, investigador e lusófilo romeno Laurenţiu Theban.

Para se avaliar o interesse dos leitores romenos pela nossa literatura mencionam-se alguns números relativos a traduções romenas de obras portuguesas: 10 140 exemplares — F. Namora e J. Cardoso Pires; 12 500 — José Gomes Ferreira e M. Torga; 15 160 — Assis Esperança; 18 140 — Carlos de Oliveira; 24 500 e 30 180 — Eça; 45 150 — as cartas de Mariana Alcoforado.

Vamos terminar este pequeno trabalho com um elenco de traduções romenas de obras portuguesas ou originais sobre a nossa língua e cultura, bem como de traduções portuguesas da literatura romena e alguns originais acerca do romeno, que completarão, de certo modo, a bibliografia anteriormente citada.

## 1. Traduções romenas:

Camilo, *Amor de Perdição (Iubire de Pierzenie)*, por Al. Popescu-Telega, 1927; Camões, *Os Lusíadas (Lusiada)*, por Aurel Covaci, Bucareste, 1965; José Cardoso Pires, *O Hóspede de Job (Oaspetele lui Iov)*, por H. R. Radian, Bucareste, 1969; Miguel Torga, *Morgado (Povestiri cu animale = Contos com Animais)*, por Dumitru Alistar, Bucareste, 1973; Aquilino, *A Casa Grande de Romarigães (Casa Mare din R.)*, por H. R. Radian, Bucareste, 1974; Reinaldo dos Santos, edição espanhola *Historia del Arte Portugués (Istoria Artei Portugheze)*, por Andrei Ionescu, Bucareste, 1976; António José Saraiva, *História da Literatura Portuguesa (Istoria Literaturii portugheze)*, por Ana Vădeanu, Bucareste, 1979; e ainda, de Fernando Namora, *O Trigo e o Joio (Grîul și neghina)*; Carlos de Oliveira, *Casa na Duna (Casa de pe colina)*; José Gomes Ferreira, *Aventuras Maravilhosas (Miraculoasa aventură)*; Joaquim Paço d'Arcos, *Memórias duma Nota de Banco (Memoriile unei bancnote)*; Camões, *Sonetos (Sonete)*; Camilo, *O Retrato de Ricardina (Portretul Ricardinei)*, por Valeria-Elena Ștefănescu, Bucareste, 1982; Eça, *A Cidade e as Serras (Orașul si Muntele)*, por Mioara Caragea, Bucareste, 1987, que também traduziu *A Sibila*, de Agustina Bessa Luís (1986) e o *Memorial do Convento*, de José Saramago, Bucareste, 1988.

## 2. Originais romenos:

Angela Ionescu Mocanu e Adelino Branco, *Ghid de conversație Român-Portugheze*, Bucareste, 1974; os mesmos, *Guia de Conversação Português-Romeno*, Bucareste, 1975; Adrian Marino, *Prezențe Românești și Realități Europene (Prezenças Romenas e Realidades Europeias)*, Bucareste, 1978: inclui umas cinquenta páginas de impressões de Lisboa, Porto, Coimbra, Leiria, Tomar, Fátima, Alcobaça, Batalha, Sintra, Outra Banda e Évora; este publicista salienta, no capítulo 'Princesa de Valáquia', que o Cavaleiro de Oliveira deu, na carta de 8 de Abril de 1757, a primeira lição de literatura portuguesa a um romeno, apresentando-lhe Camões, Gil Vicente, etc., e a propósito escreve: «Não exactamente acadé-



mica, na verdade, mas competente e eficaz ...»; Roxana Eminescu, *Preliminarii la o Istorie a Literaturii Portugheze*, isto é, *Preliminares a uma História da Literatura Portuguesa*, Bucareste, 1979; Stelian Țurlea, *La Nord și la Sud de Tejo (Itinerare Portugheze)* = *Ao norte e ao sul do Tejo (Itinerários Portugueses)*, Bucareste, 1980, útil e agradável guia ilustrado de viagens em Portugal; Pavel Mocanu, *Dicționar Român-Portughez*, Bucareste, 1981; o mesmo, *Mic (= Pequeno) Dicționar Portughez-Român*, Bucareste, 1982; Angela Mocanu e Adelino Branco, *Dicționar Portughez-Român*, Bucareste, 1983; Mioare Caragea e marido, *Português para todos*, Bucareste, 1988.

### 3. Traduções e originais portugueses:

Liviu Rebreanu, *João (Ion)*, anos 40; *Ciuleandra (a dança do amor e da morte)*, tradução de Lobo Vilela, 1943 (?); Panait Istrati, *Tsatsa Minnka*, trad. de José Barão, Lisboa, s. d.; *A Casa Thuringer*, trad. de Rogério Claro, Lisboa, s. d.; Jean Bart, *Sereia Negra (Europolis)*, trad. de Adolfo Casais Monteiro, Coimbra, 1944; Simion Mehedinți, *O País e o Povo Romeno*, trad. de Eugénio Navarro, Coimbra, 1944; Fernando V. Peixoto da Fonseca, *Método Prático da Língua Romena*, Lisboa, 1944; P. Istrati, *Os Cardos do Baragan*, trad. de António de Carvalho, Lisboa, 1946; Cezar Petrescu, *A Sinfonia Fantástica*, trad. de Rogério Claro, Lisboa, 1946; F. V. Peixoto da Fonseca, *Chave dos Exercícios do Método Prático da Língua Romena*, Lisboa, 1955; idem, *Um Curso de Férias na Roménia*, in *Labor*, Ano XXV, pp. 136-141, 1960-1961; id., *Mihail Sadoveanu, prosador-poeta*, ibidem, pp. 416-419; id., *Os aspectos físico-geográficos do território da Roménia*, ibid., ano XXVI, pp. 371-372, 1961-1962, trad. do romeno; id., *Ion Luca Caragiale (no cinquentenário da sua morte)*, ibid., pp. 673-677; A. Rossetti, *Introdução à Fonética*, trad. de Maria Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa, 1962; F. V. P. da Fonseca, *Tudor Arghezi, o maior poeta romeno depois de Eminescu*, com 11 poemas traduzidos por Maria Teresa Galveias e pelo autor do artigo, in *Labor*, Ano XXVII, pp. 181-191, 1962-1963; F. V. P. da F., *Tudor Arghezi, O maior poeta*

*romeno da actualidade*, com uma poesia traduzida por Maria Teresa Galveias, in *Colóquio / Revista de Artes e Letras*, N.º 22, pp. 42-43, Lisboa, Fevereiro de 1963; F. V. P. da F., *O Centenário da Universidade de Bucareste*, in *Labor*, Ano XXX, pp. 294-303, 1965-1966; idem, *Vasile Alecsandri (1821-1890)*, ibidem, pp. 426-429; I. L. Caragiale, *Pecado (Păcat) / / Novela traduzida do original* por Victor Buescu e F. V. P. da F., ibid., ano XXXI, pp. 424-438 e 481-493, 1966-1967; Brasil Munteanu, *Panorama da Literatura Romena*, trad. de A. Ruivo Mouzinho, Lisboa, 1969; Constantin C. Giurescu e Dinu C. Giurescu, *História do Povo Romeno*, Lisboa, 1979; *Antologia do Moderno Conto Romeno*, trad. de H. Silva Letra, Lisboa, 1977; George Bacovia, *Plumb (Chumbo)*, edição bilingue, trad. de M. Ghițescu, Bucareste, 1983; F. V. P. da F., reedição anastática do *Método Prático da Língua Romena*, Lisboa, 1963; idem, *Recensão — Secolul 20* / Revista de literatura universal, in *Ocidente* n.º 341, p. 164; id., *Organização judiciária romena*, in *Scientia Iuridica*, tomo XVII-N.º 91, pp. 424-428, Maio-Junho 1968; id., *Mihail Eminescu, o maior poeta romeno*, in *Boletim Mensal da Sociedade de Língua Portuguesa*, Ano XVI, N.º 5, pp. 302-303, Lisboa, 1965; id., «*In Memoriam*» de Vítor Buescu, in *Língua e Cultura*, tomo II, N.º 2, pp. 97-112, Lisboa, 1972.

*Fernando Venâncio Peixoto da Fonseca*